Aveiro, 31 de Dezembro de 1966 ★ Ano XIII ★ N.º 634

Litoral

SEMANÁRIO

DIRECTOR E EDITOR — DAVID CRISTO ★ ADMINISTRADOR — ALFREDO DA COSTA SANTOS
PROPRIETARIOS — DAVID CRISTO E FRANCISCO SANTOS ★ REDACÇAO, ADMINISTRAÇAO
COMPOSIÇAO E IMPRESSAO: EM «A LUSITANIA», R. DE HOMEM CRISTO — TEL. 23886 — AVEIRO

PONTE de S. JACINTO

JUSTA PETIÇÃO DE AVEIRO AO GOVERNO

Conforme nestas colunas referimos, o Ministro das Obras Públicas, sr. Eng.º Arantes e Oliveira, recebeu em Lisboa, na manhã da penúltima sexta-feira, uma numerosa e qualificada representação de aveirenses, da Cidade e de todo o Distrito, de que faziam parte as principais autoridades administrativas, políticas e económicas e diversas personalidades naturais da nossa região residentes na capital — que apresentou àquele ilustre membro do Governo a pretensão das populações do Distrito quanto à construção de uma ponte que venha a ligar as duas margens da Ria, sobre o Canal de S. Jacinto.

O importante melhoramento, uma vez concretizado, muito impulsionará o desenvolvimento económico e social da vastíssima região ribeirinha aveirense, e, pelo seu largo alcance, trará também grandes benefícios para os distritos do Porto e de Coimbra.

A comissão, presidida pelo sr. Dr. Álvaro Sampaio, antigo Presidente da Câmara Municipal de Aveiro, era constituída pelos presidentes de todos os municípios do nosso Distrito, pelos deputados pelo Círculo de Aveiro, pelo Presidente da Junta Distrital, por membros das comissões distrital e concelhias da União Nacional, pelos vice-presidentes e vereadores de vários municípios, por representações de organismos e colectividades culturais, desportivas e recreativas e por delegações de várias actividades económicas.

Acompanhavam-na os srs.: Dr. Manuel Louzada, Chefe do Distrito; Dr. Artur Alves Moreira, Presidente da Câmara Municipal; Dr. Manuel Martins da Cruz, Presidente da Direcção da «Casa das Beiras»; Dr. Sá Viana Rebelo, Presidente da Corporação da Indústria—e, além de outras destacadas individualidades da nossa região, os srs. Dr. Francisco José Rodrigues do Vale Guimarães, antigo Governador Civil de Aveiro, Eng.º Duarte Calheiros e Eng.º Rodrigues de Carvalho.

Justificando o motivo da visita, falou o sr. Dr. Manuel Louzada, que agradeceu ao titular da pasta das Obras Públicas a audiência concedida aos aveirenses que se haviam deslocado a Lisboa para apresentar ao Governo um problema do maior interesse para a região de Aveiro e do seu Distrito e, ainda, para outros distritos vizinhos. Em dado passo, o sr. Governador Civil de Aveiro acentuou:

— «Com essa obra, obter-se-ia uma ligação franca e acessível através do Canal de S. Jacinto, aspiração que atingiu a maior acuidade, e virá a beneficiar uma vasta zona de influência». O pedido poderia ser ousado — prosseguiu o sr. Dr. Manuel Louzada —, mas os homens têm o dever de apresentar aos governantes o que consideram legítimo para a sua promoção e desenvolvimento regional. Dentro desse espírito, o Distrito de Aveiro, por intermédio dos seus mais qualificados representantes, ali expunha ao Governo, na pessoa do Ministro das Obras Públicas, um problema do mais largo alcance. Se as circunstâncias não permitirem uma execução rápida, pelo menos todos fiquem certos de que a pretensão vai ser estudada com a isenção e boa-vontade que os problemas sempre têm encontrado por parte do Ministério e particularmente do governante competente e distinto que se encontra à sua frente. Seguros de que o pedido, para além de dificuldades que possam surgir, seria acolhido com o maior interesse, depositavam-no nas mãos do sr. Eng.º Arantes de Oliveira, que, por certo, encontrará

Continua na página 3

UM ARTIGO DO DR. MÁRIO SACRAMENTO

PONDERADAMENTE

CRISTO duvidou de seu Pai, antes de morrer. E nem por isso se atreveu alguém a supor que acabara apóstata. É que a dúvida não é erro ou verdade: é problema. E Cristo é um alto exemplo histórico de pensamento antidogmático e antisectário.

Sem problemas, não seria necessário o diálogo. É porque a Igreja os tem e os reconhece no mundo que propõe aos fiéis e aos leigos que dialoguem entre si e com os demais. Quem vier ao diálogo com a verdade já feita, pronta a saltar do bolso como a castanha do lume, não vem assim ao diálogo, mas à catequese ou à polémica, — se bem o entendo.

É porque eu não sou católico que este diálogo teve ou tem sentido. Tudo o que tenda a missionar-me é portanto contrário à própria essência e natureza do confronto, que desde o início foi definido como sendo de católicos *e não católicos*. E, pela minha parte, sempre disse que respeitava a fé alheia e não pretendia demovê-la ou atacá-la.

Esse o motivo por que ignorei, deliberadamente, as contradições internas dos pontos de vista que me foram sendo apresentados. Vi-as e poderia ter feito um brilharete inglório apontando-as, se o meu propósito fosse o debate e não o diálogo. As contradições internas do interlocutor são um problema dele e não meu. Sempre me coloquei à margem dos que pretenderam ou pretendem recristianizar o cristianismo partindo de fora dele. E ainda não há muito o repeti no ensaio que publiquei sobre António Sérgio, no

Continua na página 2

RETROSPECTIVA DAS ARTES AVEIRENSES DO BARRO

QUEM, há anos, quisesse iniciar-se em temas hagiológicos populares, não teria mais a fazer do que entrar nas casas rasteirinhas da Beira-Mar ou nas modestas moradias de Sá, do Alboi ou de Cimo de Vila. Não estaria por ali toda a corte do Céu — mas poucos seriam os faltosos; e os próprios ausentes jazeriam, em cacos, sepultados algures dos quintalejos, pois que o milagre duma intacta sobrevivência jamais se operou quando as crianças são traquinas e as imagens são de barro.

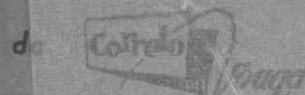
Os mestres Joseph Dias dos Santos, Bartholomeo Gaspar, Joaquim Marques dos Santos e seu filho, Manoel Marques de Figueiredo, esses, entre outros, teriam levado às casas fidalgas aveirenses, implantadas intramuralhas, o santinho da especial devoção do encomendante — e no barro modelado e estofado por suas mãos havia sempre algum toque subtil donde a espiritualidade se evolava para entrar na alma e ali atear novos lumes de piedade, como se os dedos do artista, antes de tocarem a vilíssima matéria, houvessem sido turiferados com incenso bento ou ungidos com sândalo purificado. Que, no lar do pobre, aí, o barro era figura rude de escultor improvisado, obra de mata-lazeres, quantas vezes cozida no tijolo quente da lareira — ou, quando mais, presépio repetido pelos moldes dos conventos: é que as freiras, com tão honesta mercancia, cobravam magro estipêndio que lhes valesse em provações de ocasião, vindo ao burgo com uma ingénua imaginária em que o etnógrafo de hoje pode encontrar sobejos motivos para lucubrações proveitosíssimas.

O barro de Aveiro, logo no primitivismo do seu chacote rubro e duro, serviu às exigências da boca — mas serviu-as com galanterias de formas, lisonjeando a fome e a sede: a tigela para o caldo ou o púcaro para a água quase sempre saíram da olaria local com requintes de linhas e, às vezes, com adereços de repuxados, que a função não impunha mas em que o gosto se afanava, — fuga irreprimida do artífice para os domínios do esteta. E, quando do barro de Aveiro se fez suporte do pincel e do esmalte, ainda que só para a mesa dos humildes, enobreceu-se-lhe de galas a sua utilitária serventia: o desenho e a cor — fossem singelos traços de roda, despreocupadas manchas de esponjado ou qualquer outro sintético elemento de ocasional inspiração — poderiam subscrevê-los agora conceituados ceramistas dos nossos dias que vendem a peso de ouro o espontâneo duma arte em que tão esforçadamente se empenham por diluir o intelectivo no meramente sensorial.

O retrato do estadista afamado por mérito próprio ou generalizada simpatia, a figura venerável ou típica da região, o monumento, a paisagem, a festarola de bairro, símbolos mitológicos, trajos e costumes populares, armas e brasões de complicada heráldica — de tudo se fixou nas multiformes peças da olaria aveirense, vencendo as dificuldades técnicas da pintura directa sobre vidro cru para atingir resultados dificilmente superáveis.

Afortunadamente, existem ainda espécimes em quantidade e qualidade bastantes para que possa, fundamentadamente, outorgar-se às artes aveirenses do barro o nobilitante pergaminho a que têm jus na história da cerâmica portuguesa. A maior parte — e talvez a melhor parte — das peças dignas de interesse

Continua na página 4

FAIANÇA DECORATIVA DA FONTE NOVA — AVEIRO. PINTURA MONÓCROMA DE JOAQUIM SIMÕES CHUVA — FINS DO SEC. XIX

PONDERADAMENTE

Continuação da primeira página

último número da revista *Cronos*. Se houve ou há reformas cristãs a fazer, em função das transformações por que o mundo vai passando, elas só cumprem aos cristãos — e a mais ninguém.

Mas o Concílio Vaticano II trouxe o diálogo para fora da Igreja e do Cristianismo. Foi a isso que eu correspondi, ao verificar que tinha um conteúdo prático e social. Coerente com isso, alegra-me a pergunta que o reverendo padre Paulino Morais Gomes fez no último número deste jornal: onde estão os homens de boa vontade? E completo-a com outra: onde estão os católicos conciliares ou de apostolado laico e social dispostos a virem ao diálogo?

Se a verdade religiosa fosse uma questão de lógica apenas, para que seria necessária a fé? E, posto o problema desta, que interesse poderá ter esgrimir com a lógica, a seu propósito? Defini a minha filosofia do diálogo, como cumpria ao ensejo. E se ao falar da verdade me referi à moral, não foi porque as confundisse, mas porque havia uma questão de coerência a pôr, e esta só teria sentido no plano da prática social. A ambas as submeto eu a um enquadramento histórico-ideológico, pelo que não pretendo (nem pretendi nunca) que o critério de uma ou de outra pudesse ser (ou tendesse a ser) idêntico em ambos os lados. Mas, se não confundo verdade com moral, também não confundo história com transcendência. O que, tudo somado, só pode indicar que não podemos nem devemos perder de vista o justo sentido do que seja o diálogo, se realmente fazemos dele um caminho de futuro. E eu faço.

Disse Paulo VI, na sua alocução à Assembleia Geral das Nações Unidas: *«Devemos habituar-nos a pensar o homem de uma maneira nova»*. E noutro passo: *«É impossível recuar, é preciso avançar»*. Num outro, ainda: *«Impossível sermos irmãos se não somos humildes»*. Coincido com os três lemas, que são bases conciliares de diálogo. E dispenso-me de citar os passos que proclamam, na doutrina moderna da Igreja, o princípio da liberdade religiosa, o qual manda fugir *in limine* à tentação de querer ver no interlocutor um incréu a converter, e vice-versa. Se a questão da boa vontade tem o sentido que João XXIII lhe deu, a minha acatolicidade é condição necessária dela.

Mas é condição suficiente? Está claro que não. Como o diz o reverendo padre atrás citado, *«é dentro de cada um de nós, dentro das nossas posições ou grupos, que há ou não boa vontade»*. Mas será esta um dom, uma vocação espontânea? Ou, antes, algo que se promove e cria? A cultura é criação do homem pelo homem. E ajuste, pelo diálogo. O próprio povo tem a sua, com a qual há muito que aprender, e que (morosamente embora) constantemente se renova. Fosse eu, todavia, o único homem de boa vontade a estar em causa (e não sou), o diálogo impunha-se.

Ninguém ignora que o anticatolicismo e o anticlericalismo lançaram fortes raízes, noutros tempos, em extensas zonas deste distrito. E deixaram nele numerosos descendentes. Abstenho-me de fazer uma análise retrospectiva do facto. Direi apenas que esteve na sua origem a desatenção votada à sábia advertência que diz: *abyssus abyssum invocat*. Se alguns desses homens têm seguido de perto este esboço de diálogo, é apenas porque confiam em quem tem sido seu companheiro de jornadas mais árduas. Que certezas posso dar-lhes de que o Concílio rasgou, de facto, novos horizontes ao pensamento social da Igreja? Cabe a esta confirmá-lo ou não.

A mim, como já disse, não me desiludem as insuficiências observadas. E não desiludem — já o disse também — porque o diálogo ensaia, ainda, os seus primeiros passos entre nós. Repito o oferecimento que fiz de o deixar repousar até que o concreto se defina. Mas não sem que note que a doutrina social da Igreja está por divulgar, no nosso meio, de forma clara e pública. E eu penso que todos nós ganharíamos se isso fosse diferente.

Quanto aos raros anticatólicos e anticlericais que me dirigiram reparos, dir-lhes-ei apenas que a herança jacobina que representam (e que eu distingo do que ainda é válido noutros aspectos do jacobinismo) é um vão espectro de outras eras, que vai sendo tempo de enterrar. Aliás, se tivessem lido Robespierre, veriam que já no século XVIII haviam sido censurados por ele: *«Há homens que, sob o pretexto de destruírem a superstição, querem fazer uma espécie de religião do ateísmo»* — disse o líder dos Jacobinos, num dos seus célebres discursos.

Há duas grandes figuras do nosso passado ideológico-social que ainda se projectam, com alguma influência, no presente intelectual do País: a de Teófilo Braga e a de Antero de Quental. Ou seja: a que simboliza o republicanismo *histórico* e a que representa o socialismo *proudhoniano*. A rivalidade que as opôs entre si perdura nalguns dos seus descendentes. Respeito esses dois nomes, pois a ambos fiquei devendo alguma coisa do que sou. Mas não posso aceitar que outros esqueçam que já passou um século sobre o seu impacto na nossa cultura! E, por muito atrasados que sempre tivéssemos andado, nunca o andámos tanto como isso...

MÁRIO SACRAMENTO

PONTE DE S. JACINTO

Continuação da primeira página

a melhor solução para um problema que, interessando à região de Aveiro e ao seu Distrito, interessa igualmente ao próprio País, na medida em que proporcionará um mais amplo desenvolvimento regional.

Usou depois da palavra o sr. Dr. Artur Alves Moreira, Presidente da Câmara Municipal e Deputado pelo Círculo de Aveiro, que leu e entregou ao sr. Ministro das Obras Públicas a exposição justificativa do pedido feito pelos aveirenses ao Governo — e cujo teor, na íntegra, a seguir reproduzimos:

Senhor Ministro:

A presença no gabinete de trabalho de Vossa Excelência de tão numerosa representação significa, para além do objectivo que determinou tal atitude, o muito respeito e admiração, não só pela obra gigantesca de renovação levada a cabo nos últimos anos pelo Ministério que Vossa Excelência tão superiormente dirige, mas também, pelas altas qualidades de estadista que, com abnegado espírito de sacrifício, tem sabido, da melhor maneira, pôr ao serviço da Nação. É o grato reconhecimento por toda essa tão meritória acção que necessàriamente obriga, a que, aliados aos cumprimentos protocolares, se acrescentem aqueles outros de homenagem e gratidão que são devidos ao Ministro insigne, ao Português, que tão patriòticamente se vem dedicando inteiramente ao seu País, e, ainda, ao Homem de bem, tão evidente nas qualidades pessoais, que tão bem o caracterizam e que todos os portugueses reconhecem em Vossa Excelência.

É no decorrer do período em que se comemoram 40 anos de trabalho árduo dum Governo que conseguiu levantar o seu País do descrédito e da desonra e em que se atinge a expressão máxima de realizações nos últimos anos, para que muito tem contribuído a prestimosa acção pessoal de Vossa Excelência e dos colaboradores que mais de perto o têm acompanhado, que nos atrevemos, através da minha descolorida palavra, mais imposta pela qualidade que represento de Presidente da Câmara de Aveiro e de Deputado pelo Círculo, a pôr à consideração de Vossa Excelência um problema que tanto vem preocupando os habitantes duma privilegiada região do País, dominada por acidentes naturais, dentre os quais, mais se destaca a Ria de Aveiro.

E, é precisamente no intuito de valorizar devidamente essa região, a carecer atenção muito particular dos responsáveis pela administração pública, que surge, entre outras necessidades evidentes, uma que, pelo seu significado, domina francamente e preocupa os povos que marginam a Ria e que é o estabelecimento de uma ligação fácil, rápida e eficiente entre as duas margens do Canal de S. Jacinto, desde sempre separadas por imensa massa líquida de água, se bem que a escassas centenas de metros uma da outra. Realmente, tal necessidade ver-se-ia completamente satisfeita, se viesse a construir-se tal elo de ligação, a fazer-se por uma ponte estruturada de acordo com as características do local, pelas naturais implicações com o Porto de Aveiro, a que as técnicas modernas, ao alcance da engenharia, dariam a adequada solução.

Das vantagens que tal empreendimento traria para a valorização económico-social, com o natural reflexo na região aveirense, e até ao nível distrital e nacional, fácil será de deduzir, se atendermos aos múltiplos fins que seriam atingidos, nomeadamente quanto:

1 — Ao estabelecimento de um circuito envolvendo a Ria, constituído pela estrada marginal de Ovar a S. Jacinto, pela Ponte da Varela e pela estrada Murtosa-Aveiro (que Vossa Excelência já determinou fosse devidamente estudada, tendo em vista a sua concretização a seu tempo), com os reflexos evidentes numa valorização turística da região, que a tal se oferece inteiramente, além de permitir a ligação directa, pelo litoral, das praias do norte do Distrito com as do sul, continuando até Mira, já no Distrito de Coimbra;

2 — A valorização de zonas votadas ao abandono, pelas dificuldades de acesso, constituídas pelas áreas florestais que se estendem de S. Jacinto para o norte, susceptíveis de um aproveitamento urbanístico, a valorizar devidamente uma excepcional Zona de Turismo, que, aliás, se prevê nos estudos de planeamento regional em curso;

3 — A valorização dos núcleos populacionais da margem norte da Ria, aproximando-os da capital do Distrito, e muito particularmente da boa gente de S. Jacinto, que veria assim satisfeita uma velha aspiração, e que se traduz precisamente em contactar em curto espaço de tempo com a sede do seu concelho, pois, no momento actual, via terrestre, se encontram separados pela distância de 50 quilómetros, quando, com uma ligação por ponte, essa distância não excederia meia dúzia de quilómetros. E não se poderá abstrair o facto de existir uma unidade industrial de bastante significado em S. Jacinto, constituída pelos Estaleiros Navais, que já ocupam muitas centenas de braços nos seus trabalhos, e, ainda a presença da Base Aérea no mesmo local;

1 — Ao estabelecimento de um circuito ção, a incluir na estrada atlântica, (se tal empreendimento um dia vier a ter a sua efectivação), aproveitando troços de estrada que poderão vir a fazer parte dessa nova rodovia; e, ainda, o permitir que parte do trânsito, que presentemente se faz em péssimas circunstâncias pela E. N. 109, se desviasse para tal estrada marginal.

Mas, todas estas despretenciosas conjecturas são do conhecimento de Vossa Excelência; e outras mais, que observador atento e interessado poderá anotar, pelo que não nos queremos alongar em mais considerações, por desnecessárias ou até inoportunas.

Vossa Excelência, Senhor Ministro, melhor saberá, pela larga visão, tão sobejamente demonstrada na gestão das obras públicas da necessidade eminente da obra que reclamamos, embora de antemão estejamos cientes das dificuldades que porventura se levantem para a sua plena realização, pois é do nosso geral conhecimento que, além das dificuldades de ordem técnica, outras pesarão, e fortemente, as de natureza financeira, que de momento poderão impedir obra tão meritória. Mas até estes pormenores não foram descurados nas manifestações espontâneas de carácter popular, que antecederam esta representação, pois ambos os factores foram devidamente considerados, tendo-se chegado à conclusão de que não é impossível o que se pretende e até, se os estudos necessários forem imediatamente ordenados por Vossa Excelência, se admite a hipótese duma concretização a curto espaço de tempo, como pretende demonstrar um estudo feito, voluntária e graciosamente, por técnico aveirense de reputada competência, a título de mero exemplo, incluindo algumas hipóteses possíveis, e que será entregue à consideração de Vossa Excelência, se for achado conveniente.

Assim se congreguem todas as boas vontades, e, essas, a nível local e distrital, traduzem-se bem no apêlo que dirigem ao Governo, que encima as numerosas listas de assinaturas que me foram confiadas para deixar nas mãos de Vossa Excelência e que passo a ler:

«Os abaixo assinados, conscientes do valor que o seu acto pode revestir; em apoio de campanhas e esforços recentemente conduzidos para o mesmo fim; sabedores do carinho que ao poder tem merecido os interesses legítimos dos povos; seguros da importância que tal melhoramento assumirá no fomento de riqueza em toda a região, na economia de percursos desde a cidade do Porto para o sul, e no despertar do turismo, como grande indústria, na Ria de Aveiro; — pedem ao Governo da Nação, por este meio lhe sublinhando o reflexo que ela terá no teor da vida das populações suas beneficiárias — algumas centenas de milhar de habitantes — que seja construída uma ponte entre as duas margens da Ria de Aveiro, junto da povoação de S. Jacinto».

A acrescentar a esta força viva popular, que integra pessoas de todas as classes sociais, das mais representativas às mais modestas, mas todas irmanadas no mesmo anseio, quero ainda ser porta voz, perante Vossa Excelência, do espírito de solidariedade das Câmaras do Distrito que se manifestaram, traduzindo a vontade dos seus munícipes, no sentido da premente necessidade do melhoramento que virá a constituir, para Aveiro e sua região, a construção da Ponte de S. Jacinto, com os naturais reflexos na valorização do Distrito, que se vem impondo no conjunto do País.

Entrego igualmente à consideração de Vossa Excelência fotocópias de ofícios endereçados à Câmara Municipal de Aveiro pelas ilustres Presidências dos Municípios que quiseram tomar vincada posição na solução do problema.

E todos os presentes, pessoas de bem e de representação, e todos os ausentes, que, não podendo vir até junto de Vossa Excelência, nem por isso deixaram de apor a sua assinatura na pretensão que consideram justa, confiam que o ilustre titular das Obras Públicas e o Governo não deixarão de considerar, devidamente, um relevante problema cuja solução a todos preocupa pelas repercussões e incidências sobre os naturais, residentes e visitantes duma privilegiada região do País, destinada a um desenvolvimento económico-social, que se antevê de alto significado.

Permita-me Vossa Excelência que, antes de terminar, eu agradeça, em nome de todos quantos não poderam vir até aqui, o sacrifício que é devido às presenças neste gabinete, do Senhor Governador Civil, que sempre nos tem acompanhado na pretensão em causa, dos Senhores Deputados pelo Círculo, que com a sua presença demonstram bem o interesse que o empreendimento em juízo lhes despertou, do Senhor Presidente da Junta Distrital, dos membros das Comissões Distrital e Concelhia da União Nacional e demais autoridades, a que não quiseram deixar de se associar os Presidentes das Câmaras do Distrito, alguns, acompanhados dos Excelentíssimos Vereadores, a Comissão Promotora do movimento, presidida por aquele que foi um dos mais destacados Presidentes da Câmara de Aveiro, o Dr. Álvaro Sampaio, e todas as ilustres personalidades, que, comigo, quiseram pessoalmente formular a Vossa Excelência o desejo de verem satisfeita uma pretensão que consideram justa e bem enquadrada num ano áureo, em que se comemoram 40 anos de existência dum regime, que sabe bem qual o seu rumo, sempre norteado por um crescente número de realizações a patentear bem a sua estabilidade, e de que a Ponte de S. Jacinto virá a fazer parte integrante, disso estamos certos.

Bem haja, Senhor Ministro, pela atenção que possa merecer a Vossa Excelência o magno problema exposto, na certeza de que o povo de Aveiro saberá esperar, confiante na justiça que lhe será feita.

Após receber o estudo já elaborado por um técnico aveirense e uma exposição sobre o magno problema, assinada por todas as entidades distritais, o sr. Eng.º Arantes e Oliveira começou por declarar que não constituía surpresa para si a aspiração ali explanada, pois já há muito se apercebera do grande interesse da região de Aveiro pela construção de uma ponte através do Canal de S. Jacinto.

Se, inicialmente, se pensara na inviabilidade desse melhoramento, nos últimos tempos ele tem-se apresentado com muita acuidade, o que o levara, juntamente com os competentes serviços do seu Ministério, a debruçar-se sobre o magno assunto com o maior interesse. Assim, era com grande respeito pela justificada aspiração que recebia o apelo dos aveirenses, na certeza de que em todo o Distrito o problema é encarado com o maior interesse e empenho.

A seguir, e depois de agradecer as referências que lhe haviam sido feitas e ao Ministério, lembrou que conhece muito bem todo o Distrito de Aveiro, no qual se assinala um extraordinário equilíbrio económico e social, em que a agricultura pede meças à indústria. Sentia, por isso, não poder recusar-lhe nada que possa contribuir para um desenvolvimento ainda maior, reconhecendo que na construção da ponte, em S. Jacinto, poderá estar uma alavanca de maior progresso. O seu devotado interesse por esse crescimento tem-no forçado a debruçar-se ùltimamente sobre a necessidade de concretização da obra ali requerida. O seu pensamento estava tão identificado com o entusiasmo das autoridades e populações de Aveiro, que o problema estava já a ser visto interessadamente, no plano de estudo, por sectores do seu Ministério, esperando-se que os resultados desses estudos não deixem de corresponder ao optimismo com que a pretensão é posta ao Governo.

A finalizar, o sr. Eng.º Arantes e Oliveira fez votos por que venha a encontrar-se a solução mais desejada, trabalhando o Ministério atenta e desapaixonadamente e sem o propósito de levantar quaisquer dificuldades, pois se aliará aos próprios representantes do Distrito de Aveiro para limar arestas e para que ràpidamente se conclua o projecto de estudo.

●

A representação de Aveiro esteve também no Ministério das Comunicações. Foi ali recebida pelo distinto titular da pasta, sr. Eng.º Carlos Ribeiro, a quem deu conhecimento, como Ministro e como natural do Distrito, da pretensão posta ao seu ilustre colega das Obras Públicas.

CITRINOS

Implantação de Laranjais

A implantação de um laranjal não é tarefa simples mas sim um trabalho complexo que envolve conhecimentos especiais particularmente se a fruta se destina à comercialização ou à indústria, e não apenas a consumo do empresário.

Dada a necessidade, cada vez mais premente, de produzir laranja de elevada qualidade e ao mais baixo custo, torna-se indispensável atender, ao projectar-se um pomar, a todos os factores que de qualquer modo possam influir na qualidade e no custo da laranja produzida.

A escolha do local, a plantação de sebes para abrigo, a preparação da terra, a disposição das árvores, de forma a permitir a mecanização do granjeio, o estudo do mais eficiente e económico sistema de rega bem como a escolha das variedades são alguns dos muitos aspectos a estudar pormenorizadamente antes de se proceder à implantação do laranjal. E como este implica em geral um investimento elevado, não deve o empresário abalançar-se a instalá-lo sem recorrer prèviamente aos conhecimentos dum técnico especializado que o oriente no empreendimento.

Os Organismos Regionais da Direcção-Geral dos Serviços Agrícolas e a Estação de Fruticultura, de Setúbal, estão habilitados a prestar a assistência necessária a quem pretenda cultivar laranjais.

Sobre este assunto ou sobre qualquer outro, que interesse as explorações agrícolas desta região, consulte a *Brigada Técnica da IV Região*, de Aveiro.

Serviços Municipalizados de Aveiro

Informação sobre as tarifas de energia eléctrica em vigor

INFORMAÇÃO N.º 2

Tarifas para Fábricas e Oficinas

I — TARIFAS EM VIGOR

De acordo com as «Condições de venda» em vigor, os consumos das fábricas e oficinas podem ser debitados por duas tarifas diferentes:

Tarifa 3 — Aplicável das 0 às 24 horas, para iluminação, aquecimento e todos os outros usos não industriais.

Tarifa 5 — Aplicável com contador de tripla tarifa (tem três preços diferentes correspondentes a outros tantos períodos do dia) para produção de força motriz e outras utilizações industriais.

II — CONDIÇÕES DE APLICAÇÃO

Para se aplicarem estas duas tarifas, com preços e escalões muito diferentes, deverão existir duas instalações distintas, cada uma com o seu contador. No caso de haver uma só, abastecendo simultâneamente os circuitos de iluminação e força motriz, o consumo será debitado pela tarifa 3, a mais cara das duas.

III — IMPORTANTE

Chama-se a atenção dos senhores consumidores para o facto de ser considerada fraude a utilização da energia duma dada tarifa para fins diferentes dos previstos e para os quais haja outra tarifa de preço superior. Estão neste caso, a utilização de energia de força motriz (tarifa 5) na iluminação da fábrica e oficina ou a utilização da energia da habitação (quando é junta) para o mesmo fim.

A fim de se evitarem futuros dissabores, recomenda-se a todos os senhores consumidores industriais que mandem verificar se as suas instalações estão nas condições regulamentares.

A CIDADE

SERVIÇO DE FARMÁCIAS

Sábado	SAÚDE
Domingo	OUDINOT
2.ª feira	NETO
3.ª feira	MOURA
4.ª feira	CENTRAL
5.ª feira	MODERNA
6.ª feira	ALA

Das 9 h. às 9 h. do dia seguinte

Pela Câmara Municipal

● Uma Comissão de moradores da Rua de João Chagas, em Sarrazola, fez entrega, na Câmara, da importância de 19 000$00, como comparticipação na obra de pavimentação daquele arruamento, a levar a efeito oportunamente.

Também uma Comissão de moradores no lugar de Verba, freguesia de Nariz, fez, oportunamente, entrega na Câmara, da importância de 30 300$00, como comparticipação na obra de pavimentação de um arruamento daquele lugar, igualmente a levar a efeito oportunamente.

● Foi aprovado, para efeito de pagamento ao empreiteiro da obra de construção da «Estação de Tratamento de Esgotos da Obra de Saneamento de Aveiro», um auto de medição de trabalhos, na importância de 17 107$20.

Conservatório Regional de Aveiro

Em Janeiro próximo, o Conservatório Regional de Aveiro inaugura nova temporada de concertos.

No dia 12, pelas 18.30 horas, no Teatro Aveirense, actuará o violinista americano Jack Glatzer, notável pedagogo que, na véspera, também às 18.30 horas, dará uma lição ilustrada aos alunos do Conservatório Regional.

Para 25 do mesmo mês, está já anunciada a vinda a Aveiro da notável pianista caucasiana Maria Kalambrian, num concerto patrocinado pelo Instituto de Cultura Alemã da Universidade do Porto.

A «Sereia» tocou...

Ao começo da madrugada de terça-feira, deflagrou um incêndio no estabelecimento comercial «Lourdes de Pardilhó», de que é proprietária a sr.ª D. Maria de Lourdes de Oliveira, situado na Avenida do Dr. Lourenço Peixinho.

Compareceram os bombeiros das duas corporações aveirenses, que, em pouco tempo extinguiram as chamas — ao que parece originadas por qualquer deficiência no sistema eléctrico de uma montra.

O fogo causou, entretanto, avultados prejuízos — já que arderam ou ficaram inutilizados diversos artigos de vestuário.

Contribuições e Impostos

Durante todos os dias úteis do próximo mês de Janeiro, na Tesouraria da Fazenda Pública de Aveiro, encontram-se à cobrança, à boca do cofre, as seguintes contribuições e impostos:

— Contribuição Industrial (Grupo A e Grupo B — Liquidação Provisória) e Contribuição Predial, ambas de 1966; Imposto sobre as Sucessões e Doações — anuidades de 1967; Imposto de circulação (1.° trimestre e 3.° ano) e Imposto de Compensação (1.° trimestre), ambos de 1967.

Major Araújo e Sá

Foi condecorado com a Medalha de Prata de Serviços Distintos, com palma, o sr. Major de Infantaria Paraquedista Sílvio Jorge Rendeiro de Araújo e Sá, «pelas qualidades reveladas e serviços prestados durante o período em que serviu na Província de Angola. Tomou parte em dezoito missões operacionais, revelando sempre coragem e profundos conhecimentos dos problemas do tipo de guerra em que ali estamos empenhados.»

O Major Araújo e Sá, natural do nosso Distrito, foi aluno do Liceu de Aveiro, nesta cidade contando com numerosos amigos.

Festa de Natal do Externato João Afonso de Aveiro

O Externato de João Afonso de Aveiro, que em boa hora surgiu para preencher uma grave lacuna de há muito existente em Aveiro, comemorou condignamente o primeiro Natal da sua vida escolar.

O novo estabelecimento académico preocupando - se em dar a todos os seus alunos uma integral cultura, promoveu uma festa de Natal que constituíu não só um notável factor cultural como uma insigne forma de convívio humano. Alunos e professores empenharam-se todos no mesmo trabalho. E a representação do «Auto de Natal», a declamação de poesias, a audição de apropriados cantos foi coroada com uma ceia de verdadeira confraternização natalícia.

Cumprimentos ao Chefe do Distrito

Na passada quarta-feira, 28 de Dezembro, completou quatro anos no elevado cargo de Governador Civil de Aveiro o sr. Dr. Manuel Ferreira dos Santos Louzada.

Assinalando esta data, os presidentes dos municípios de todo o Distrito, o Presidente da Junta Distrital e outras individualidades estiveram no Governo Civil, pelas 17.30 horas, a apresentar cumprimentos ao Chefe do Distrito.

Usaram da palavra os srs. Dr. Flausino Correia, Presidente da Câmara Municipal de Albergaria-a-Velha, e Dr. Aulácio Rodrigues de Almeida, Presidente da Junta Distrital de Aveiro — tendo o sr. Dr. Manuel Louzada, no final, agradecido a homenagem de que fora alvo.

Posto Materno-Infantil Dr. Soares Machado

«Gota de Leite»

Em 6 do próximo mês, Dia de Reis, pelas 11 horas, serão distribuídos, na sede da «Gota de Leite» 50 enxovais, destinados a crianças pobres, inscritas neste estabelecimento assistencial.

Têm sido recebidos enxovais, peças de roupa e donativos em dinheiro para aquele fim.

Até 20 do corrente mês, estavam inscritas 504 crianças e 373 mães.

«Correio do Vouga»

Em 16 do corrente, o semanário aveirense *Correio do Vouga* memorou o 37.° ano da sua operosa existência.

Fundado em 16 de Novembro de 1930, como jornal católico e regionalista, passaria à propriedade da Diocese logo após a sua restauração.

O *Correio do Vouga*, desde sempre servido por brilhantíssima colaboração, tem mantido intransigentemente o nobilíssimo programa que se propôs, cotando-se em destacado plano na panorâmica do jornalismo português.

Na pessoa do seu ilustre Director, Rev.° Padre Manuel Caetano Fidalgo, a cujos talentos e devotado dinamismo o conceituado semanário tanto deve, cumprimentamos quantos trabalham no *Correio do Vouga*, formulando votos cordiais por uma longa existência.

Retrospectiva das Artes Aveirenses do Barro

Continuação da primeira página

fez-se trânsfuga às mãos dos negociantes de antiqualhas, que bateram a todas as portas e devassaram todas as casas, acenando com tentadora moeda às carências do pobre e ao desinteresse do rico. Mas não se lhes mande a polícia no encalço — a esses, não: muitos deles ludibriam quanto podem, é certo, no exercício de um comércio em que nos habituámos a tolerar, como normais, lucros de latrocínio que escapam à regra penal; mas fica-lhes o merecimento, embora de todo alheio aos seus propósitos, de transferirem para o carinho dos coleccionadores valiosos documentos dum estimável património cultural. Polícia, sim, — se tal fosse possível... — a certos burocratas das artes (e tantos há!) que, emaranhados em dispiciendas erudições, assim inglòriamente se deixam tolher para uma ampla prospecção domiciliária aos valores artísticos regionais, que essencialmente lhes competiria preservar da rapina mercantil; e é que, antecipando-se aos assaltos materialissimamente particularistas, porventura conseguiriam — até a preços compatíveis com a crónica pelintrice oficial — espólio eloquente, mesmo para além do estético se nos fala também de usos e costumes, hábitos e tendências, de surtos de progresso e de colapsos económicos, constituindo omnímodo documentário daquela historiografia que é o fio indispensável à consciente tecedura da história dos povos. Evitar, quanto possível, a dispersão, reunir em núcleo museológico válido (claro que não nos referimos aos armazéns de coisas, a esses casarões a que também se dá o nome de museus, mas onde as coisas, mais ou menos velhas, mais ou menos coleccionáveis, apenas estão, quietinhas, sem tabelas, mudinhas) é tarefa que tem de ser persistente, amorosa, alimentada pela seiva da raiz que se afunda no chão nativo e que, com raras excepções, não pode esperar-se de quem apenas faz quanto baste a garantir-lhe a esmola que mensalmente se lhe dá a título de ordenado. Essa tarefa pede devoção...

... e é com essa devoção que o «Correio do Vouga» e o «Litoral» intentam runir em Aveiro — menos para regalo da vista do que para sério estudo — as espécies cerâmicas que revelem Aveiro numa das suas mais interessantes facetas criadoras.

À iniciativa corresponderam já, entusiàsticamente, o aplauso e a promessa de cooperação de ilustres e autorizadas individualidades da nossa terra.

E a verdade é que, agora, já não poderíamos deter-nos.

Faleceram:

ALBERTO FERREIRA DO VALE

Na manhã de 19 do corrente, faleceu, no Hospital de Santa Joana, o sr. Alberto Ferreira do Vale.

Há mais de um ano doente — de enfermidade que não perdoa —, fora operado em Maio, último, infelizmente sem resultado.

O sr. Alberto Ferreira do Vale, que faleceu solteiro, contava 48 anos de idade. Empregado fabril competente e zelosíssimo, a todos se impunha por suas virtudes e qualidades.

Era irmão das sr.as D. Alzira Ferreira do Vale Varela, D. Matilde Ferreira do Vale Macedo, D. Antónia Ferreira do Vale Leite e D. Maria de Lourdes Ferreira do Vale Santos e do sr. Jaime Ferreira do Vale; e cunhado dos srs. Joaquim Macedo, Júlio Leite e Francisco dos Santos da Benta, um dos sócios-gerentes da *Lusitânia*.

CORONEL GASPAR FERREIRA

Na quarta-feira, 28, faleceu, em Albergaria-a-Velha, o sr. Coronel Gaspar Inácio Ferreira.

Contava 81 anos de idade.

Homem público de primeira plana, para além de militar distintíssimo, o sr. Coronel Gaspar Ferreira serviu Aveiro dedicadamente, pondo em todas as causas em que se empenhou o melhor do seu entusiasmo, o brilho da sua fulgurante inteligência, o conhecimento profundo dos problemas e uma invulgar cultura geral; todavia, sobreleva as suas múltiplas actividades o profícuo desvelo que votou aos problemas portuários aveirenses, aos quais o seu nome ficará indelèvelmente ligado. Com ânimo forte, sobranceiro às muitas injustiças com que pretenderam minimizá-lo, o sr. Coronel Gaspar Ferreira, na cola de ilustres aveirenses, ajudou a radicar a certeza de que o porto de Aveiro era imprescindível elemento de progresso regional e factor importantíssimo na panorâmica económica do País.

O saudoso extinto exerceu as mais variadas e importantes funções, entre elas as de Governador Civil do Distrito, Comandante do Regimento de Infantaria 10, Presidente da Junta Autónoma do Porto de Aveiro, Deputado à Assembleia Nacional, Presidente da Comissão Distrital da U. N. e, por último, Presidente da Câmara Municipal de Albergaria-a-Velha.

Combatente, em Moçambique, da grande Guerra de 1914-18, ali revelou qualidades que lhe granjearam honrosíssimas benesses: as comendas das Ordens Militares de Aviz e de Cristo, a do Infante, medalhas de comportamento exemplar (de prata e de ouro) e a da Vitória, além de outras.

Nasceu o sr. Coronel Gaspar Inácio Ferreira, há 81 anos, em Albergaria-a-Nova; mas foi na cidade de Aveiro, que tanto amava, que viveu a maior parte da sua fecunda existência. Talvez por isso o ilustre extinto quisesse que os seus restos mortais ficassem em Aveiro; e, na quinta-feira à tarde, o féretro era conduzido ao Cemitério Central desta cidade, com grande e compungido acompanhamento.

O sr. Coronel Gaspar Ferreira era pai dos srs. Dr. José Arnaldo de Quina Domingues Ferreira e Eng.º Artur Manuel de Quina Domingues Ferreira e da sr.ª D. Maria Clementina de Quina Domingues Ferreira Rodrigues; avô do sr. Rogério Maria Domingues Ferreira Rodrigues e da sr.ª D. Maria de Lourdes Domingues Ferreira Rodrigues; e tio dos srs. Drs. Manuel Homem Ferreira e José Homem Ferreira e Eng.º Jaime Patrício de Albuquerque Ferreira.

D. MARIA AUSENDA TESTA

Na sua residência de Aveiro, faleceu, anteontem, 29, a sr.ª D. Maria Ausenda Rosa Testa, viúva do saudoso João Rodrigues Testa Júnior, que foi um dos mais dinâmicos e conceituados comerciantes da praça aveirense.

A bondosa senhora, que contava 79 anos de idade, estava ligada, por estreitos laços de parentesco, a família respeitadíssima de Aveiro, sendo, por suas virtudes e qualidades, estimada e admirada de quantos com ela privavam.

O funeral, depois de missa de corpo-presente na igreja de Santo António, realizou-se, no dia imediato, para o cemitério de Ílhavo.

Às famílias em luto, os pêsames do Litoral

Cartaz de Espectáculos

Teatro Aveirense

Ver anúncio em separado

Cine-Teatro Avenida

Sábado, 31 — às 15.30 horas

O Mundo Alegre de Bucha & Estica — uma *matinée* infantil com os simpáticos e formidáveis Stan Laurel e Oliver Hardy.

Para maiores de 6 anos.

Sábado, 31 — às 21.30 horas

O Mata-Sete — um dos melhores filmes do famoso Cantinflas, ao lado de Alma Rosa Aguirre.

Para maiores de 12 anos.

Domingo, 1 — às 15.30 e às 21.30 horas e nos dias seguintes — às 21.30 horas

Música no Coração — um notável êxito mundial, num filme sublime, admirável de humanidade, que a todos encanta e todos recomendam — interpretado por Julie Andrews, Christopher Plummer, Richard Hayn e Eleanor Parker.

Para maiores de 12 anos.

cartões de visita

FAZEM ANOS:

Hoje, 31 — A sr.ª D. Alice de Jesus Fernandes Praça, esposa do sr. Ernesto Júlio Rodrigues Praça; e os srs. Manuel Carlos do Vale Guimarães e Oliveira; e Sargento Alberto Vaz Pinto.

Amanhã, 1 — *As sr.as D. Júlia Seabra Cancela Duarte, esposa do sr. Severim Duarte; D. Olímpia Neto, esposa do sr. António Gomes Patarrana; e D. Maria Deolinda Martins de Carvalho, filha do sr. José Miguel Pires de Carvalho.*

Em 2 — *As sr.as D. Alice da Silva Pinho Seiça Neves, esposa do sr. Dr. Fernando Alberto Curado Seiça Neves; D. Carmen de Seabra Ferreira Neves, esposa do sr. Prof. Severiano Ferreira Neves; Prof.ª D. Maria Suzana Branco Pinto Barbosa, esposa do sr. Manuel Alves Barbosa; D. Aurora de Jesus Reis; D. Maria da Conceição de Melo de Vilhena, residente em Estarreja; e D. Maria Carolina Barroso de Vilhena, esposa do sr. Firmino de Vilhena Camelo Ferreira; os srs. Cesário da Graça e Melo; e Horácio Andrade de Carvalho; e os meninos José Luís, filho do sr. José Vieira da Maia Romão; e João José Picado da Naia, filho do sr. Capitão da Marinha Mercante sr. José Estêvão da Naia.*

Em 3 — *A sr.ª D. Laura dos Santos Travesso; os srs. Dr. Fernando Calisto Moreira; Baptista de Jesus dos Santos; e Dr. Joaquim Henriques; e os meninos Joaquim Manuel, neto do sr. Joaquim António Vieira; José Luís Cabaço dos Reis de Oliveira, filho do sr. Carlos dos Reis de Oliveira, residentes em Lisboa; António André Tavares; e a menina Júlia da Silva Monteiro, filha do sr. Artur Monteiro.*

Em 4 — *A sr.ª D. Lígia Patoilo da Cruz Brandão, esposa do Professor da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, Doutor Mário Brandão; e os srs. Firmino de Vilhena Camelo Ferreira, funcionário do B. N. U.; Carlos Pimentel de Matos, filho do sr. Carlos Júlio Duarte de Matos, residente na cidade de Sobral, (Ceará — Brasil); e o menino Mário José, filho do sr. Mário Artur Rebelo de Almeida Araújo.*

Em 5 — *As sr.as D. Maria da Cruz, mãe do sr. Dr. José da Cruz Neto; D. Maria Júlia de Almeida D'Eça Soares, esposa do sr. Joaquim Silveira; Prof.ª D. Maria Margarida Guimarães Marcela; e os srs. José Nunes da Graça, funcionário do Registo Civil, em Aveiro; António Pinto Bastos, ausente no Brasil; e a menina Severina Maria Afreixo Ferreira, filha do sr. Rodrigo dos Santos Ferreira.*

Em 6 — *Os srs. Dr. Manuel Soares; António Augusto Branco, proprietário da «Farmácia Higiene», de Esgueira; João H. de Carvalho Júnior; e João dos Santos Baptista.*

CASAMENTO

No penúltimo domingo, 18 de Dezembro, na igreja de Verdemilho, realizou-se o casamento da sr.ª D. Maria Deolinda Martins Carvalho, funcionária em Aveiro da Caixa de Previdência, filha da sr.ª D. Maria Martins Carvalho e do sr. José Miguel Pires Carvalho, com o sr. Ernesto Emídio Candeias Vieira Valentim, funcionário da Agência nesta cidade do Banco Espírito Santo e Comercial de Lisboa, filho da sr.ª D. Elvira Monteiro Candeias Valentim e do sr. Capitão Jaime Vieira Valentim.

Serviram de padrinhos: pela noiva, a sr.ª D. Maria Augusta Bacelar Pires e o sr. Diamantino Antero Pires; e, pelo noivo, a sr.ª D. Arminda Vieira Valentim Gouveia e o sr. José Monteiro Gouveia.

Ao novo lar, desejamos as maiores venturas.

PEDIDO DE CASAMENTO

No passado dia 22, foi pedida em casamento a menina Maria de Fátima Ferreira de Carvalho, filha da sr.ª D. Rosa Elvira Ferreira de Carvalho e do sr. Sargento Manuel António de Carvalho, para o sr. Luís Gonzaga Martins, filho da sr.ª D. Glória do Céu Martins e do sr. João Baptista Martins.

O enlace realiza-se no próximo ano.

NASCIMENTO

No Hospital da Santa Casa, nasceu no dia 29, mais um filhinho ao casal da sr.ª D. Eduarda Manuela Pereira Bela Campos e de seu marido, o sr. Henrique Humberto Pereira Campos.

As nossas felicitações.

DOENTES

● *Encontra-se enfermo o conhecido industrial fotográfico Abel da Silva Resende, nosso dedicado colaborador artístico.*

● *Esteve uns dias de cama, tendo já melhorado dos seus padecimentos, o sr. António Maria Borrego, sócio-gerente de «A Lusitânia».*

Aos enfermos desejamos rápido e completo restabelecimento.

SECRETARIA JUDICIAL

COMARCA DE AVEIRO

Anúncio

Faz-se saber, que no dia 14 do próximo mês de Fevereiro de 1967, pelas 10 horas, na Rua de Sá, n.º 62, desta cidade, na execução de sentença que a ARLA—Agência de Representações, Limitada, com sede na Avenida do Dr. Lourenço Peixinho, n.º 100, desta mesma cidade, move aos executados Manuel Pereira Gomes e mulher, Amélia Gomes Crespo, ele comerciante e ela doméstica, residentes na direcção acima indicada, hão-de ser postos, pela terceira vez, em praça, para serem arrematados pelo maior lanço oferecido, diversos móveis do estabelecimento comercial dos referidos executados.

Aveiro, 15 de Dezembro de 1966

O Escrivão de Direito,

Manuel Freire Ferreira

Verifiquei:

O Juiz de Direito do 2.º Juizo

Francisco Xavier de Morais Sarmento

Serviços Municipalizados de Aveiro

Aviso

Lista dos candidatos aprovados nas provas práticas realizadas no dia 14 de Dezembro corrente, para lugares do quadro de pessoal menor e respectivas classificações em valores:

MOTORISTAS

Fernando Manuel Gomes Lopes de Almeida — 12,83 valores.

Apolino Marinheiro dos Santos—11,25 valores.

SERVENTE DE ARMAZÉM

João Casimiro Ferreira da Silva — 11,03 valores.

Albino Campos Borges — 10,25 valores.

Foi eliminado um concorrente.

Os candidatos aprovados serão chamados a prestar serviço pela ordem indicada, à medida que se tornem necessários, dentro do prazo de validade do concurso, devendo, nessa altura, entregar todos os documentos exigidos pelo Regulamento.

Aveiro, 28 de Dezembro de 1966

O Presidente do Conselho de Administração,

Dr. Artur Alves Moreira

Silva & Santos, Limitada

SECRETARIA NOTARIAL DE AVEIRO

Segundo Cartório

Certifico que, para efeitos de publicação, por escritura de vinte e três de Novembro de mil novecentos e sessenta e seis, de folhas sessenta verso a sessenta e três, do Livro próprio, número A-Quatrocentos e vinte e três, deste Cartório, outorgada perante o notário Licenciado João Caetano Nunes Guerreiro, foi constituída entre César dos Santos e Manuel Marques da Silva uma sociedade comercial por quotas, de responsabilidade limitada, que será regulada pelas condições seguintes:

Primeiro — A sociedade adopta a firma «Silva & Santos, Limitada», tem a sua sede nesta cidade, e durará por tempo indeterminado, com início na data de hoje.

Segundo — O objecto social é o comércio de pastelaria e seus derivados, podendo, no entanto, explorar qualquer outro ramo de comércio ou indústria em que os sócios acordem e não dependa de autorização especial.

Terceiro — O capital social é de cem contos, integralmente realizado em dinheiro, e representado por duas quotas iguais, de cinquenta contos, cada uma, pertencentes a cada um dos sócios, César dos Santos e Manuel Marques da Silva.

Quarto — Qualquer dos sócios poderá fazer à caixa social os suprimentos de que a mesma carece, nos termos e sob as condições em que todos acordem e constem das respectivas actas, depois de aprovadas.

Quinto—A cessão de quotas a estranhos dependerá sempre da autorização da sociedade, à qual fica reservado o direito de preferência, direito que será devolvido aos sócios, no caso da sociedade dele não depender usar.

Sexto — É dispensada a autorização especial da sociedade para a cessão total ou parcial de quotas entre os sócios, bem como para a divisão de quotas por herdeiros de sócios.

Sétimo — A administração dos negócios da sociedade e a sua representação em juízo e fora dele, activa e passivamente, incumbem a todos os sócios, os quais, desde já, ficam nomeados gerentes, sem caução e com ou sem remuneração, conforme for resolvido em assembleia geral.

Parágrafo primeiro—Para que a sociedade fique vàlidamente obrigada, é necessário que todos os actos e contratos sejam assinados por todos os gerentes.

Parágrafo segundo—Para os actos de mero expediente bastará a assinatura de um único gerente.

Parágrafo terceiro — Aos gerentes é expressamente proibido o uso da firma social em actos e contratos que não lhe digam respeito, designadamente em letras de favor, fianças, abonações ou outros documentos estranhos aos negócios sociais.

Oitavo — Os lucros líquidos que resultarem de cada balanço anual, depois de deduzida a percentagem legal para o fundo de reserva, serão divididos pelos sócios na proporção das suas quotas e, na mesma proporção, serão suportadas as perdas.

Nono — As assembleias gerais, salvo os casos em que a lei exija outros requisitos, serão convocadas por cartas registadas com aviso de recepção, dirigidas aos sócios com a antecedência mínima de oito dias.

Décimo—A sociedade não se dissolve pela morte ou interdição de qualquer dos sócios; antes continuará com os herdeiros ou representantes do sócio falecido ou interdito, que entre si, designarão um que a todos represente na sociedade, enquanto a quota se encontre indivisa.

Décimo primeiro — A sociedade dissolve-se apenas nos casos previstos na lei e, nessa hipótese, serão liquidatários os sócios, que procederão à liquidação e partilha, conforme acordarem e for de direito.

Está conforme ao original, na parte respectiva, nada havendo na parte omitida, que amplie, restrinja, modifique ou condicione a parte transcrita.

Aveiro, seis de Dezembro de mil novecentos e sessenta e seis.

O Ajudante,

Celestino de Almeida Ferreira Pires

Basquetebol

Continuação da última página

nio Carlos 3-4, Gouveia, Deus 0-2, Sacramento e Pessoa 0-1.

1.ª parte: 31-11. 2.ª parte: 27-15.

Partida extremamente correcta, em que o Galitos se impôs de forma clara e insofismável, realizando a sua melhor exibição da época em curso. Mesmo sem o concurso de Madureira, últimamente o melhor «cestinha» da equipa, os alvi-rubros conseguiram excelente marca, a traduzir o acerto com que todos os seus elementos finalizavam as jogadas do «cinco».

De entrada, os ilhavenses comandaram (8-1 a seu favor, quando havia 5 minutos jogados), dando a impressão de que estavam lançados para um triunfo fácil. Mas talvez essa margem inicial tenha sido uma das causas que, depois, os impediram de contrariar o ascendente dos seus antagonistas: convencidos de que ganhariam quando quisessem, os visitantes, quando quiseram, já não puderam...

O Galitos, fazendo entrar Albertino para o lugar do Bio (única substituição em todo o desafio), ganharam alma nova, fazendo vinte pontos a fio — passando de 1-8 para 21-8! — só então consentindo que os forasteiros voltassem a pontuar.

E, aí, ficou traçada a sorte do desafio.

No segundo tempo, jamais vendo perigar o triunfo, os aveirenses continuaram a marcar nítida supremacia sobre os ilhavenses, que, entretanto, deram melhor réplica — apesar de, na finalização, continuarem em verdadeira noite-não.

Arbitragem com falhas de pouca importância, conduzida com imparcialidade e equilíbrio.

Esgueira, 48 — Sanjoanense, 43

Jogo no Campo da Alameda, sob arbitragem dos srs. Aureliano Silva e Manuel Arroja.

Alinharam e marcaram:

ESGUEIRA — Ravara, Sebastião 5-0, Américo 6-9, Salviano 0-11, Vinagre 6-1, Manuel Pereira 0-2, Cadete 0-6 e Morais 2-0.

SANJOANENSE — Armando, Azevedo, Resende, Carlos Silva 8-12, Alberto Costa 16-7, Dias e Mário Vieira.

1.ª parte: 19-24. 2.ª parte: 29-19.

Partida sempre emotiva, com os sanjoanenses quase sempre no comando da marcação. O Esgueira, que até ao descanso só teve vantagem aos 11-10, 13-10 e 13-12, reagiu bem, na fase final (após os atrasos de 23-30 e 32-38); e, à entrada dos últimos cinco minutos, perdia só por uma «cesta» (38-40). Obtida a igualdade, os esgueirenses embalaram para a vitória, de forma categórica.

Curiosidade a anotar: enquanto no Esgueira só um jogador ficou em branco (Ravara), na Sanjoanense apenas dois elementos (Carlos Silva e Alberto Costa) encontraram o caminho do cesto.

Arbitragem razoável.

Amoniaco, 34 — Galitos, 43

Jogo em Estarreja, sob arbitragem dos srs. Albano Baptista e Carlos Neiva.

Alinharam e marcaram:

AMONIACO — Ferreira 2-5, Silva, Ilídio 4-7, Orlando 2-2, Pereira 8-0, Alvaro e Mário 0-4.

GALITOS — Bio, Vítor 5-4, José Luís Pinho 2-0, Robalo 0-4, Madureira 7-2, João, Albertino 0-4, Arlindo, Matos 2-6, Pires 0-2, Falcão e Vale 0-3.

1.ª parte: 16-18. 2.ª parte: 18-25.

Os estarrejenses, jogando com grande empenho e entusiasmo, criaram sérios embaraços à turma aveirense, que acabou por triunfar com justiça — mas depois de sofrer grande susto...

JUNIORES & JUVENIS

— A contar para estes torneios, nos jogos em atraso, da segunda jornada da segunda volta, apuraram-se estes resultados:

Juniores

SANJOANENSE — GALITOS...... 10-43

Juvenis

SANJOANENSE — GALITOS...... 14-42

— As competições prosseguem amanhã, de manhã, com os seguintes desafios:

Juniores

GALITOS — SANGALHOS (83-19)
ESGUEIRA — SANJOANENSE (35-18)

Juvenis

GALITOS — SANGALHOS (38-16)
ESGUEIRA — SANJOANENSE (30-19)
ILLIABUM — ASILO-ESCOLA (54-26)

FUTEBOL

Amanhã:

REGRESSO DAS PROVAS OFICIAIS

Após a paragem do Dia de Natal, as várias provas em curso, de âmbito nacional ou distrital, prosseguem amanhã, estando programados os seguintes desafios — muitos deles de enorme interesse:

NACIONAL DA I DIVISÃO

12.ª jornada:

C. U. F. — SETÚBAL
BELENENSES — BENFICA
BEIRA-MAR — SANJOANENSE
GUIMARÃES — PORTO
LEIXÕES — BRAGA
VARZIM — ACADÉMICA
SPORTING — ATLÉTICO

NACIONAL DA II DIVISÃO

Zona Norte

12.ª jornada:

OVARENSE — ACADÉMICO DE VISEU
UNIÃO DE TOMAR — ESPINHO
PENICHE — PENAFIEL
FAMALICÃO — LEÇA
SALGUEIROS — TIRSENSE
OLIVEIRENSE — COVILHÃ
LAMAS — TORRES NOVAS

CAMPEONATOS DE AVEIRO

I DIVISÃO — 15.ª jornada:

Paços de Brandão — Recreio (0-2)
S. João de Ver — Paivense (2-0)
Estarreja — Oliveira do Bairro (1-2)
Cucujães — Anadia (0-8)
Arrifanense — Esmoriz (1-3)
Valecambrense — Lusitânia (1-0)
Alba — Feirense (1-2)

RESERVAS — 9.ª jornada:

Paços de Brandão — Pejão (1-4)
Feirense — Lusitânia (0-1)
Avanca — Espinho (0-10)
Valecambrense — S. João de Ver (0-4)
Valonguense — Anadia (0-1)
Oliveirense — Bustelo (5-0)
Alba — Macinhatense (0-1)

JUNIORES — 14.ª jornada:

Lamas — Cucujães (0-9)
Oliveirense — Valecambrense (2-1)
Sanjoanense — Lusitânia (2-0)
Espinho — Esmoriz (4-0)
Cesarense — Bustelo (1-10)
Vista-Alegre — Valonguense (0-2)
Alba — Ovarense (0-2)
Estarreja — Mealhada (0-0)
Recreio — Oliveira do Bairro (2-0)
Beira-Mar — Anadia (0-2)

JUVENIS — 16.ª jornada:

Sanjoanense — Lusitânia (0-0)
Paços de Brandão — Bustelo (1-2)
Cucujães — Pejão (1-6)
Oliveirense — Espinho (0-1)
Beira-Mar — Estarreja (9-0)
Pampilhosa — Recreio (0-2)
Avanca — Anadia (1-3)
Alba — Ovarense (0-2)

PROGNÓSTICOS DO CONCURSO N.º 16 DO «TOTOBOLA»

8 de Janeiro de 1967

N.º	EQUIPAS	1	X	2
1	Setubal - Belenens.	1		
2	Sanjoan. - Guimar.			2
3	Porto - Leixões	1		
4	Braga - Varzim	1		
5	Académ. - Sporting	1		
6	Atlético - C. U. F.		x	
7	A. Viseu - U. Tomar	1		
8	Espinho - Peniche	1		
9	Leça - Salgueiros	1		
10	Barreir. - Torrien.	1		
11	Montijo - Olhanen.	1		
12	C. Piedad. - Almada	1		
13	Oriental - Luso	1		

XADREZ DE NOTÍCIAS

Os dirigentes do Beira-Mar decidiram marcar para amanhã, por ocasião do encontro com a Sanjoanense, um «Dia do Clube». Os associados do Beira-Mar terão, por isso, de adquirir um bilhete especial para o ingresso no Estádio de Mário Duarte — devendo ainda exibir a quota n.º 11 (do mês de Novembro findo).

Na prova de corta-mato de abertura da Associação Portuense de Atletismo, disputada no dia de Natal, Mário Simões Cordeiro, do Estarreja, conquistou o primeiro lugar, em juniores, obtendo a quarta posição, na tabela geral. António Sardão (sénior) e Vítor Silva (júnior), ambos do Estarreja, ficaram em 6.º e em 10.º, respectivamente.

A Associação de Basquetebol de Aveiro puniu com suspensão por um ano e por trinta dias, respectivamente, os jogadores Aureliano Carvalho e António Ramalhosa, ambos da Sanjoanense.

A mesma entidade castigou ainda, com trinta dias de suspensão, o júnior Elmano Botte, do Amoníaco.

Como nestas colunas se anunciou, efectuou-se, no dia 23, a Festa de Natal organizada pela Tertúlia Beiramarense, na sede do Beira-Mar. Dela daremos, no próximo número, mais desenvolvida notícia.

BEIRA-MAR — SANJOANENSE

JOGO-CHAVE PARA AS DUAS EQUIPAS

Na ronda de reatamento do Campeonato Nacional da I Divisão, Aveiro vai assistir, amanhã, a um desafio histórico — exactamente o primeiro embate de duas equipas do seu Distrito, ao nível do torneio máximo.

Para além dessa particularidade, de somenos importância, o desafio Beira-Mar — Sanjoanense reúne vários motivos de enorme interesse, já que, para os dois grupos — qualquer deles em situação ingrata na tabela classificativa — a partida será autêntico jogo-chave; e ambos irão procurar a vitória de que tanto carecem.

Lídimos representantes de Aveiro e S. João da Madeira, Beira-Mar e Sanjoanense *sentem* que só o triunfo poderá servir às suas aspirações, em vista a continuarem a pensar na permanência na prova maior — um sonho de muitas décadas, que tantos sacrifícios custou para se tornar realidade. É que os dois prestigiosos clubes *sabem* e *sentem* que o futebol, queira-se ou não, constitui hoje um motivo de importância dos burgos e um dos mais poderosos factores de atracção turística das terras da Província.

No relvado do Estádio de Mário Duarte, qual pano verde duma mesa de jogo, Beira-Mar e Sanjoanense jogam, amanhã, cartada decisiva — com os atletas fortemente apoiados por grandes e entusiásticas falanges de adeptos.

Em véspera de prélio de tanta importância, quanto desejamos afirmar resume-se a bem pouco, a dois votos.

O primeiro, no sentido de que, dentro e fora do rectângulo, nenhuma atitude venha a macular os princípios que sempre devem estar presentes em todas as manifestações desportivas.

O último, para significar — em afirmativa categórica — a nossa confiança no valor do onze do Beira-Mar, a quem, de forma incondicional, todos os aveirenses terão de unir-se, com o calor dos seus aplausos e dos seus incitamentos. Os jogadores vão ser submetidos a um duro cotejo, sobremaneira ingrato e contingente, em que têm necessidade de vencer. Temos a certeza de que Aveiro vai saber apoiar, alentar e incitar os valorosos futebolistas que envergarem o *jersey* auri-negro — para quem o melhor prémio será, justamente, o prémio ambicionado por todos os beiramarenses.

Aveiro conta com o brio, o entusiasmo, a categoria, o empenho dos elementos do Beira-Mar para a arrancada que vai levar o prestigioso Clube a um porto seguro, a um posto que lhe permita continuar entre as mais cotadas turmas portuguesas. E a arrancada *tem* de começar amanhã, dia primeiro do Ano Novo de 1967 — o dia de anos do nosso Beira-Marzinho !

UM PAVILHÃO GIMNODESPORTIVO EM AVEIRO

Depois de S. João da Madeira, Ílhavo e Espinho, a cidade de Aveiro — capital do Distrito — vai ser dotada com um Pavilhão de Desportos. Não fazia sentido, de facto, que em Aveiro se continuasse a zero, neste capítulo das instalações desportivas. E, assim o compreendendo, as entidades superiores resolveram construir nesta cidade um pavilhão gimnodesportivo, equipado com o mais moderno e indispensável material.

Trata-se, sem dúvida, de excelente prenda para os desportistas aveirenses — tanto para os praticantes, como para os simples carolas pelas várias modalidades de salão.

Oportunamente, daremos mais pormenorizada notícia sobre o Pavilhão de Desportos de Aveiro — concluindo a presente nótula com a informação de que a obra foi posta a concurso, na pretérita terça-feira, com uma base de licitação de 3 200 contos.

45 ANOS DO BEIRA-MAR

Como nestas colunas tivemos ensejo de noticiar, numa organização da Tertúlia Beiramarense vai ser celebrado, amanhã, o 45.º aniversário do prestigioso Sport Clube Beira-Mar.

Pelas 9.30 horas, na sede do popular Clube, será hasteada a Bandeira, por um sócio fundador; e, às 9.45 horas, inaugura-se a Sala de Troféus.

Pelas 10 horas, na Capela de S. Gonçalinho, será rezada missa por alma dos sócios, dirigentes e atletas falecidos. E, no final, do piedoso acto, realiza-se uma romagem de saudade aos cemitérios da cidade.

Nas várias cerimónias, estarão presentes a «Banda Amizade», a «Banda do Internato Distrital de Aveiro» e representações da Associação Humanitária dos Bombeiros Voluntários de Aveiro e da Companhia Voluntária de Salvação Pública «Guilherme Gomes Fernandes».

Festa de Vicente

Foi marcada a data de 22 de Janeiro próximo para uma festa de homenagem ao inditoso futebolista Vicente Lucas, de «Os Belenenses», que, em consequência dum acidente de automóvel, ocorrido há meses, ficou impossibilitado da prática do futebol.

Essa jornada terá carácter nacional, realizando-se festivais em diversos pontos do País — tanto na Metrópole como no Ultramar e Ilhas.

Para Aveiro, foram marcados, no Estádio de Mário Duarte, os desafios:

BEIRA-MAR — SANJOANENSE
OVARENSE — OLIVEIRENSE

Nos programas marcados para Famalicão e para Castelo Branco, foram incluídos jogos com outros grupos do nosso Distrito. Assim, teremos, respectivamente:

FAMALICÃO — ESPINHO
LAMAS — UNIÃO DE TOMAR

Basquetebol

CAMPEONATOS DISTRITAIS DE AVEIRO

ILLIABUM campeão distrital da I Divisão

Na penúltima quinta-feira, efectuaram-se os desafios relativos à derradeira jornada do torneio principal, registando-se os seguintes resultados:

GALITOS — ILLIABUM 58-26
ESGUEIRA — SANJOANENSE ... 48-43
AMONIACO — SANGALHOS 45-38

Falando apenas dos desfechos acima indicados, haverá que relevar-se o triunfo dos estarrejenses — único obtido pelo Amoníaco ao longo da competição. Deve igualmente evidenciar-se a larga margem alcançada pelo Galitos, ante os ilhavenses, e a dificuldade com que os esgueirenses derrotaram a Sanjoanense.

Tendo sido dado como improcedente, pelo Conselho Técnico da Associação de Basquetebol de Aveiro, o protesto apresentado pelo Galitos, em relação ao desafio que perdera em S. João da Madeira, a tabela classificativa ficou assim ordenada:

	J.	V.	D.	Bolas	P.
Illiabum	10	8	2	580-446	26
Galitos	10	7	3	483-410	24
Esgueira	10	6	4	411-388	22
Sangalhos	10	5	5	432-414	20
Sanjoanense	10	3	7	470-489	16
Amoníaco	10	1	9	328-556	12

A turma do Illiabum, a mais regular ao longo da prova, foi a justa vencedora final, destronando o Galitos, a quem arrebatou o título. Anote-se que os ilhavenses, invictos nas seis primeiras jornadas, foram derrotados nas duas deslocações que fizeram a Aveiro — ao Campo da Alameda e ao Rinque do Parque, respectivamente na 7.ª e na 10.ª jornadas.

Nesses jogos, a equipa orientada pelo Dr. Lúcio de Lemos ficou aquém do seu habitual, quanto a pontos e quanto a produção de jogo, cedendo por margens que não deixaram dúvidas: 39-51, frente ao Esgueira, e 26-58, diante do Galitos. Nos outros oito jogos, sempre os ilhavenses marcaram mais de meia centena de pontos...

Ficaram apurados para o Campeonato Nacional da I Divisão o Illiabum e o Galitos, competindo ao Esgueira, Sangalhos e Sanjoanense disputar a II Divisão, e ao Amoníaco a III Divisão.

As provas começam possivelmente em 7 de Janeiro — de acordo com o calendário que esperamos poder publicar na próxima semana.

A seguir, breves resenhas dos últimos desafios realizados pelas turmas da nossa cidade.

GALITOS, 58 — ILLIABUM, 26

Jogo no Rinque do Parque, sob arbitragem dos srs. Albano Baptista e Carlos Neiva.

Alinharam e marcaram:

GALITOS — Bio, Vítor 10-7, José Luís Pinho 12-8, Robalo 3-4, Arlindo 6-8 e Albertino.

ILLIABUM — Cachim, Pinto, Rosa Novo 3-0, Bizarro 5-8, Antó-

Continua na página 9

LITORAL
Ano XIII • N.º 634 • 31-12-66
AVENÇA

Ex.mo Sr.